

JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E NOVAS SOCIABILIDADES NO SÉCULO XXI: O POTENCIAL DAS REDES SOCIAIS

Eduardo Henrique de Freitas Marques¹

RESUMO

Acreditamos que é possível exercer a profissão de professor hoje tanto dentro como fora da sala de aula, seja ela na área de ciências humanas ou qualquer outra disciplina, é preciso que os futuros professores busquem compreender e entender que o ensino do século XXI passou por diversas transformações, e que o mundo de hoje passou e vem passando por diversas transformações, e essas mudanças alcançam também o ensino. Assim como o professor precisa compreender todo o processo que envolve o ensino e a aprendizagem, ele também tem que buscar compreender e ensinar que existem histórias de outros povos, que cada lugar ou pessoa possui suas próprias experiências sociais e que são constituídas por uma multiplicidade de saberes.

Palavras-chave: Educação, Novos Métodos, Sociabilidades.

ABSTRACT

We believe that it is possible to exercise the teaching profession today both inside and outside the classroom, whether in the area of human sciences or any other discipline, it is necessary that future teachers seek to understand and understand that teaching in the 21st century has gone through several transformations, and that today's world has gone and is going through several transformations, and these changes also reach teaching. Just as the teacher needs to understand the whole process that involves teaching and learning, he also has to seek to understand and teach that there are stories of other peoples, that each place or person has its own social experiences and that they are constituted by a multiplicity of knowledge.

Keywords: Education, New Methods, Sociabilities.

PROCESSOS EDUCATIVOS E PARTICULARIDADES

¹ Graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor Universitário na Faculdade Mais de Ituiutaba. E-mail: eduardohenrique.freitas@facmais.edu.br

Nos deparamos com essas situações diversas vezes, que os professores se questionam o porquê de estarem ali, o porquê de estarem ensinando, para quem é porquê. Em um texto de Juarez Dayrell, este autor aborda essa temática:

Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, e seu desinteresse pela educação escolar. E que para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, com professores que pouco acrescentam à sua formação. (DAYRELL, 2007. P 106)

O processo educativo na atualidade não pode se restringir à sala de aula. As mudanças presentes na realidade dos jovens, exigem que se repense a função da escola, o que esta oferece aos jovens? O que acontece dentro e fora de seus muros? Os avanços das tecnologias, a adesão/inserção de camadas mais pobres da sociedade aos estudos, bem como às diferentes fontes de informação. Para Dayrell:

Contudo, a evidência mais determinante foi e é o processo de massificação da escola pública, que significou a superação das barreiras que antes impediam as camadas populares de frequentarem-na. De fato, as escolas públicas de ensino médio no Brasil, até recentemente, eram restritas a jovens das camadas altas e médias da sociedade, os “herdeiros”, segundo Bourdieu, com uma certa homogeneidade de habilidades, conhecimentos e de projetos de futuro. (DAYRELL, 2007. P 116).

O jovem de hoje, ama, sofre, dança, canta, joga, ostenta seu corpo no modo de vestir, tatuagens, piercings, brincos, trabalha e interage com o mundo conectado às redes sociais, vivencia novas e diversifica formas de lazer e sociabilidade. Refletem sobre suas condições e experiências de vida. Estas são algumas características da nova cultura juvenil, à qual pertencem muitos dos estudantes que frequentam as escolas em iremos atuar como futuros professores. Não adianta o professor querer ensinar história utilizando música popular brasileira - MPB, se a sua turma prefere ouvir e apreciar sertanejo ou funk, por exemplo. Caberá, desde o processo formativo, procurar estudar e compreender a condição e a cultura juvenil. Essa função não cabe somente ao professor, mas à escola e a sociedade também. Algo que percebemos e compreendemos lendo os textos de Dayrell e Peter McLaren:

Uma vez que os educadores reconheçam as múltiplas formas de ensino, e como eles são afetados pelos meios de linguagem, nós podemos oferecer aos nossos alunos uma linguagem mais crítica, assim podemos ajudá-los a se tornarem conscientes de sua própria formação. (MCLAREN, 2000, p. 39).

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. (DAYRELL, 2007. P 112).

O professor e a escola precisam compreender que o contexto cultural se insere em uma ecologia de saberes, marcada por ambiguidades. Devemos perceber que a diversidade sociocultural do mundo tem mudado bastante nos últimos tempos e continua mudando, e essa mudança pode favorecer o reconhecimento dessa pluralidade cultural.

Em todo o mundo, não só existem diversas formas de conhecimento da matéria, sociedade, vida e espírito, como também muitos e diversos conceitos sobre o que conta como conhecimento e os critérios que podem ser usados para validá-lo. No período de transição que iniciamos, no qual resistem ainda as versões abissais de totalidade e unidade, provavelmente precisamos, para seguir em frente, de uma epistemologia geral residual ou negativa: uma epistemologia geral da impossibilidade de uma epistemologia geral. (BOAVENTURA, 2009. p. 54).

Hoje o professor ao preparar sua aula, está preso ou tem como base o seu currículo, e sabemos que o currículo não é neutro, ele faz parte de um conjunto de escolhas feitas por pessoas ou grupo que detém o poder, ou seja o currículo expressa tensões, conflitos, consensos, datado no tempo e no lugar social. Em texto de Marcos Silva e Selva Guimarães, é possível compreender melhor essa argumentação.

Assim hoje, os desafios da formação e da profissionalização docente constituem problemas complexos e, nesse sentido, demandam políticas sistêmicas capazes de enfrentar suas múltiplas dimensões; “ser professor”, “torna-se professor”, “constituir-se professor”, “exercer o ofício” é viver a ambiguidade, é exercitar a luta, enfrentar a heterogeneidade, as diferenças sociais e culturais no cotidiano dos diferentes espaços educativos. (Silva, 2007. p. 25).

Devemos estudar e transformar o nosso currículo já que ele é temporal e histórico, e o currículo que trabalha relações entre a sociedade e a escola, o currículo interfere na história do seu tempo, ele guia, orienta o trabalho na escola. Sem nos esquecermos que também contamos com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e os CBCs (Conteúdos Básicos Comuns).

Por último, acreditamos que a construção de uma proposta curricular temática e multiculturalmente orientada, de uma perspectiva crítica e transformadora, depende de muito mais que uma reforma nos textos das diretrizes curriculares. Depende, entre outros fatores, de políticos de formação e profissionalização docente. Exige de nós, professores de história, sensibilidade, posturas críticas e reflexão sobre nossas ações, sobre o cotidiano escolar, sobre as relações sociais e culturais que experienciamos no século XXI. (Silva, 2007. p. 64).

Por fim, é preciso buscar compreender como se encontra esse novo aluno do século XXI, como ele está inserido na sociedade e dentro e fora da escola. Por exemplo, como a tecnologia influencia seus estudos, como é o dia a dia desse aluno fora da sala de aula, se ele enfrenta problemas em sua casa, se ele trabalha, qual sua condição social, se ele é pobre ou rico. Percebi que existem diversos fatores que podem influenciar no cotidiano da escola, bem como no processo de ensino e aprendizagem, para isto, entretanto, os professores precisam refletir sobre a realidade e a condição da juventude na sociedade contemporânea.

Uma primeira constatação é a existência de uma nova condição juvenil no Brasil. O jovem que chega às escolas públicas, na sua diversidade, apresenta características, práticas sociais e um universo simbólico próprio que o diferenciam e muito das gerações anteriores. Mas, quem é ele? Quais as dimensões constitutivas dessa condição juvenil? (DAYRELL, 2007. P 107)

Tanto a escola e universidade quanto o professor podem se utilizar do ambiente, ou seja, seu espaço para buscar novas formas de ensino e sociabilidade. Nós, futuros educadores precisamos expandir nossa visão, participar continuamente da construção de currículo sensível às necessidades de promover uma educação multicultural.

A escola e universidade em conjunto com os profissionais que a compõem, precisa estimular os jovens a perceberem o sentido de estarem naquele espaço, que constitui mais um local de estudo, mas que também faz parte da vida. E que para mudar o atual cenário de ensino é imprescindível assumir essas novas posturas e engajamento.

JOVENS E COMUNIDADES VIRTUAIS

As comunidades virtuais atualmente são construídas com a perspectiva de aproximar pessoas com os mesmos interesses e afinidades. Os usos cada vez mais frequentes da tecnologia ocupa lugar comum no cotidiano das pessoas, em todos os setores da sociedade, desde os segmentos menos favorecidos – com toda a precariedade de acesso que enfrentam, para tanto recorrem às mais criativas e inimagináveis possibilidades -, até os mais privilegiados, que dispõem dos mais sofisticados recursos. Estes avanços tecnológicos acabam fazendo parte do nosso dia a dia e permitindo um maior contato entre as pessoas.

Esses novos movimentos sociais não se organizaram em combate ao Estado, nem com a finalidade de conquistá-lo. [...] Os movimentos sociais aparecem, então, como o novo ator coletivo, portador de um projeto cultural. Em vez de demandar democratização política ao Estado, demandariam uma democratização social, a ser construída não no plano das leis, mas dos costumes; uma mudança cultural de longa duração gerida e sediada no âmbito da sociedade civil. (ALONSO, 2009, p.61).

Em páginas de “relacionamentos” como *facebook*, por exemplo, as pessoas podem conectar-se a outras que compartilham interesses, ideias comuns, quanto às mais diversas atividades, sociedade, cultura, religião, sexualidade e até movimentos políticos. A internet facilita a interação dessas pessoas. Por meio dela, pessoas querem se conectar preferencialmente com outras que buscam amizade e compartilhar conteúdos sobre os mais variados temas.

Na saída de Hosni Mubarak da presidência do Egito em 2011, sites de redes sociais como Facebook e Twitter serviram como ferramentas essenciais para as pessoas, em especial, os jovens, que queriam derrubar o ditador. No Brasil, quando alguns políticos tentaram impedir a votação em caráter de urgência do projeto de lei “Ficha Limpa”, foi em redes de relacionamento que uma petição formulada pelo Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE), com 1,6 milhão de assinaturas em setembro de 2009 e mais 2 milhões em maio de 2010 conseguiu mostrar a vontade popular em combater a corrupção e contribuir para que tal projeto fosse votado e aprovado por unanimidade no Congresso Nacional. (GUZZI, 2010, p. 37).

Podemos dizer que hoje com o auxílio da internet, principalmente das redes sociais, houve a diminuição das fronteiras. *Sites* como *Facebook* permitem criar espaço virtual, em que grupos de pessoas debatem ideias, desde as mais corriqueiras inutilidades, até problemas relevantes da conjuntura social e política da qual fazem parte.

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de

técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17).

O *facebook* com suas comunidades permite acessar seletivamente o que mais agrada, excluir ou ocultar as pessoas que não possuem afinidade com determinadas concepções, deste modo a rede *online* cria um mundo que muitas vezes projeta outras dimensões de realidade, segundo Lévy (1999) não há interação física ou proximidade, às comunidades virtuais são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca.

No chamado “ciberespaço”, comunidades estruturam-se fundamentalmente sobre um único aspecto: o interesse em comum de seus membros. A partir deste interesse, as pessoas conseguem criar relações entre si, independentes do fator físico, e com o tempo essas relações tornam-se de tal forma tão fortes que podem ser consideradas como laços comunitários.

Esse interesse pelo mundo virtual traz consigo algumas consequências. Por tratar-se de algo desconhecido, seus códigos e valores também ainda estão em construção. De modo que, recorrentemente, surgem polêmicas associadas ao que se define como “mau uso desse ciberespaço”. Isto evidencia, o quanto tais modalidades de comunicação inseriram-se e interferem na realidade contemporânea.

Em relação ao “poder de se tornar”, eu diria que a internet abre um novo espaço para a liberdade de expressão, porque todos podem publicar, editar e colher informações – mesmo que não tenha nenhum poder econômico. Duas forças se opõem à atualização deste novo poder: governos ditatoriais, que tentarão ao máximo limitar a expressão do povo, e a falta de alfabetização e educação, para usar ao máximo esse ambiente de comunicação. (Lévy, 1999, p. 109).

O potencial oferecido pelos novos recursos tecnológicos à comunicação e interatividade, por si só, não é suficiente. Não adianta termos toda a tecnologia e os aparelhos tecnológicos a nosso favor, ao alcance das novas demandas da juventude, senão não soubermos utilizá-lo com sabedoria, respeitando determinados fatores constitutivos da contemporaneidade, como por exemplo a multiculturalidade. As opiniões diferentes que devem ser objeto exaustivo de debate, ao invés de serem silenciadas, O século XX e início do século XXI o avanço da tecnologia, viabilizado, em particular pela internet no mundo, as comunidades virtuais ganharam um espaço muito importante no cotidiano da sociedade. A Internet, as comunidades virtuais como,

por exemplo, o Facebook, atuam como meio de encontro e formação de grupos sociais constituindo a partir daí novas possibilidades inclusive aos movimentos sociais de nosso tempo.

Nossas conversas entre amigos, comentários num site ou mesmo numa comunidade virtual, tem a tendência de ficar registrado, essa informação pode ser utilizada em contextos completamente diferentes do que originalmente a pessoa que a escreveu estava pensando. Por isso o bom senso na hora que utilizarmos a internet seja para nos manifestar contra ou favor de qualquer movimento social, um mínimo de educação e consciência moral e ética já ajudaria bastante a melhorar o convívio na nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pretendemos criar um método de ensino cada vez mais participativo e sem diferenciações e hierarquias de saberes, esse método é essencialmente viável. Entretanto, requer uma disposição e dedicação do professor que deseja realizá-la, pois, a preparação prévia para esse tipo de método e ainda uma busca de referências conceituais e bibliográficas é indispensável. Por fim, evidenciamos que o professor deve estar em constante pesquisa e aprendizado, e nós enquanto estagiários devemos fomentar ainda mais este hábito, tanto em nossos discursos, quanto em nossas práticas. Enfim, concluímos que entender o processo ensino e aprendizagem é primordial para a formação acadêmica, é indispensável para a formação superior dos professores, os desafios são vários e as possibilidades maiores ainda.

REFERÊNCIAS

ALONSO, A. **As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

Blog Mídia8. Infográfico traz o perfil do usuário de internet no Brasil. **Universo ead**, maio, 2014. Disponível em <<http://blogmidia8.com/2014/05/infografico-traz-o-perfil-usuario-de-internet-brasil.html/>>. Acesso em 18 de junho de 2014.

DIAS, Luiz. Antônio. **Política e participação juvenil**: os “caras-pintadas” e o movimento pelo impeachment. *História Agora*, v. 1, p. 4-14, 2008.

Dayrell, Juarez. **A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil** *Educação & Sociedade*, vol. 28, núm. 100, outubro, 2007, pp. 1105-1128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acessado dia 10/07/2015.

Fonseca, Selva Guimarães; Silva, Marcos. **Ensinar História no Século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas São Paulo. 2007. p. 13-65.

GALVÃO, A. **Marxismo e movimentos sociais**. 2011,p.107-126

GUZZI, Drica. **Web e participação**: a democracia no século XXI. São Paulo: SENAC, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo. 34. 1999.

Mclaren, Peter. **Multiculturalismo Revolucionário**: Pedagogia do Dissenso Para o Novo Milênio. Trad. Marcia Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre. Artes Medicas Sul. 2000. p. 25-48.

Monteiro, Ana Maria. **Professores de História: Entre Saberes e Praticas**. Rio de Janeiro. Mauad X. 2007. p. 81-110.

Rocha, Aristeu Castilhos; Pozzebon, Maria Catharina Lima Pozzebon. **Reflexões Sobre a Práxis**: As Vivencias no Estágio Supervisionado em História. *História & Ensino*, v. 19. núm. 1. Julho. 2013. p.71-98. Disponível em: <<file:///D:/Biblioteca%20Marcos%20Junior/Downloads/13810-65006-1-PB.pdf>>. Acessado dia 10/07/2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010. p. 31-67.

TAPSCOOT, Don. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir, 2010.